

MATO GROSSO

Cartórios registraram 2 mortes de crianças por Covid-19 desde o início da pandemia

Crianças de 6 e 10 anos foram vítimas do novo coronavírus

Assessoria Anoreg

Foram duas as crianças entre 5 e 11 anos que faleceram por Covid-19 desde o início da pandemia no Estado do Mato Grosso. Este foi o número de óbitos para esta faixa etária registrados pelos Cartórios de Registro Civil mato-grossenses no período de março de 2020 à primeira semana de janeiro de 2022. Os dados contabilizados fazem parte do Portal da Transparência do Registro Civil.

O levantamento mostra ainda que a primeira criança vítima do vírus em Mato Grosso era do

sexo masculino e tinha seis anos de idade. Já a segunda morte por Covid-19 dentro dessa faixa etária foi de um menino de 10 anos.

Em julho de 2021 foi registrada uma morte de criança por Covid-19, enquanto o primeiro óbito pela doença foi contabilizado no ano anterior,

“Números demonstram que crianças também são vítimas desse vírus

em agosto de 2020. Na primeira semana de janeiro de 2022 não foram contabilizados óbitos por

Covid-19 de crianças entre 5 e 11 anos, embora os Cartórios de Registro Civil tenham o prazo legal de até 10 dias para enviar os dados ao Portal da Transparência do Registro Civil.

“Apesar de reduzidos, os números registrados pelo Portal Transparência demonstram que crianças também são vítimas desse vírus e que a vacinação deve se estender para todas as idades para que vidas possam ser poupadas e a doença seja menos agressiva com quem estiver imunizado”, afirma Velenice Dias, presidente da Anoreg-MT.

Contabilizando-se todas as mortes por causas naturais no Mato Grosso, na faixa etária entre 5 e 11 anos foram 125 óbitos, sendo 66 em 2020 e 58 em 2021 -- com ape-



No Brasil são 324 falecimentos de crianças

nas 1 lançamento de óbito na primeira semana de janeiro de 2022. Dentre as causas de mortis segmentadas pelo Portal, Septicemia foi a causa de 12 mortes, Pneumonia (11), AVC (9), Insuficiência Respiratória (7) e Covid-19 (2). Importante

constatar que os Demais Óbitos, que reúnem várias doenças não segmentadas no Portal, totalizam 81 mortes.

Já no Brasil, as crianças entre 5 e 11 anos totalizaram 324 falecimentos por Covid-19 desde o início da pandemia.



Ministro Marcelo Queiroga

COVID-19

Governo reduz para 7 dias isolamento

Liberação está condicionada à ausência de sintomas

MARCELO B. / Agência Brasil

O Ministério da Saúde decidiu reduzir de dez para sete dias o período recomendado de isolamento para pacientes com Covid-19. Em entrevista coletiva, o ministro Marcelo Queiroga anunciou a nova recomendação do governo. Segundo a atualização do guia de vigilância epidemiológica para a Covid-19 da pasta, caso não haja mais sintomas no sétimo dia, a pessoa pode sair do isolamento.

Existe ainda uma possibilidade de encurtar ainda mais o tempo de isolamento. Caso no quinto dia o paciente não tenha mais nenhum

sintoma respiratório, não apresente febre e esteja há 24 horas sem usar medicamento antitérmico, ele pode fazer um teste rápido de covid-19. Se o teste der negativo para o vírus, ele também está liberado.

Se, no entanto, o teste der positivo, o paciente deve aguardar até o fim dos dez dias de isolamento. Para quem chegou ao sétimo dia e ainda tiver com sintomas do vírus, a recomendação é manter o isolamento, no mínimo, até o décimo dia e sair apenas quando

“Brasil tem avançado muito na campanha de vacinação

os sintomas acabarem.

Segundo o secretário de Vigilância em Saúde, Arnaldo Medeiros, o Ministério da Saúde usou como parâmetro as medidas de isolamento aplicadas nos Estados Unidos e no Reino Unido. No primeiro, o isolamento termina após cinco dias caso não haja mais sintomas. No segundo, o tempo de isolamento é de sete dias, comprovado o fim da infecção com um teste negativo.

Na avaliação de Queiroga, a vacinação no Brasil tem avançado a ponto do governo reduzir o período de isolamento. “Como o Brasil tem avançado muito na campanha de vacinação, em relação ao número de doses de reforço, a população das grandes metrópoles está muito vacinada, podemos vislumbrar um cenário aqui no Brasil mais parecido com o que acontece em países como Reino Unido”.